

O brilho do sol

Os vultos preeminentes, em cada país, são alvo de críticas e agressões constantes. Há críticas que representam contribuição à história, porque revêem, criteriosamente, fatos e atitudes. E ninguém está isento de erro. Outras críticas significam exhibições ou equívocos desprezíveis. Das agressões grosseiras não há considerações que fazer: a linguagem despudorada, em que se traduzem, a sepulta no esquecimento. A sociedade, por todas as suas classes, estima conhecer as dúvidas ponderadas, porém não tolera o despeito e a mentira revestidos de investigação histórica. É que a história se tece com fatos, e não com falsidades.

Rui Barbosa, cujo aniversário de nascimento se comemora em 5 de novembro, foi em vida, e continua a ser depois de morto, vítima de insolentes acusações. Vivo, retrucou a todas as investi-

das, pulverizando-as. Traçou em página a s memoráveis o perfil de seus detratores, ora no estilo contudente, que destrói, ora com a ironia que os reduzia ao ridículo. Quando César Zama lhe atingiu a honra, a resposta foi antológica. Depois de acentuar que "na política brasileira avulta, há muito, a insigne classe dos insultadores", rematou que "são os magarefes de certa espécie de açougues, onde se corta, na honra das almas independentes, na fama dos homens responsáveis, no merecimento dos espíritos úteis, nos serviços dos cidadãos moderados, o bife sangrento para o estômago da democracia feroz". A existência impoluta não temia os agressores, nem os desafios.

Espírito sempre em evolução, variou de pensamento sobre múltiplas questões. Estudou incessantemente para acompanhar as transformações da ciência jurídica e da política. Daí a superioridade sobre seus contendores, muitos em atraso nas letras de toda natureza. Por isso nunca se arreceu de que o acusassem de mudar. Não cessou de ler para aperfeiçoar a inteligência e poder mudar de idéia conscientemente. E se o arguíram de contradição, rebateu com firmeza e tranquilidade. Assim, na questão Minas & Werneck, quando rebateu, entre primores de argumentação, que "só a vulgaridade e a esterilidade não



POR JOSAPHAT MARINHO

variam, porque são a eterna repetição de si mesmas".

Conservou, entretanto, suas idéias essenciais de fidelidade aos direitos de seus concidadãos e aos interesses do país. Não mudou em favor do arbítrio. Não condescendeu ja-

mais com a corrupção. É que para ele, também, "no mundo moral como no mundo físico, todas as cousas mudam sempre sobre uma base que não muda nunca". Por isso atravessou as refregas sem temor de seus adversários.

E sua memória consagrada não é atingida pelas mesquinhas que brotam, de quando em quando, como neste ano borbotaram. Tais mesquinhas de balcão não justificam análise. Pena é que uma personalidade sóbria como o sr. Olavo Setúbal, escrevendo sobre *Soberania & Globalização* (FSP, 19-10), tivesse a irreflexão de invocar contra Rui as memórias do representante da Inglaterra à Conferência de

Haia. Compreende-se que o embaixador inglês considerasse os discursos do embaixador brasileiro "longuíssimos e insípidos". Como todos os dignitários das chamadas grandes nações, ele não admitia e intervenção soberana de um país da América do

Sul em assuntos pretensiosamente reservados às potências dominantes. Rui, porém, os examinava com saber e sem lhes pedir licença. E quando ocorreu o incidente com Martens, da Rússia, a quem Rui respondeu de imediato, e falando em francês, o jornalista William Stead escreveu que o representante do Brasil ganhou posição de figura primacial da conferência. Por que, então, salientar o juízo do embaixador britânico?

É tempo de valorizarmos os homens que honraram o Brasil. O brilho e o esforço deles constituem parte da nossa riqueza histórica e cultural. Aceitarmos as restrições a seus talentos e a seus serviços é consentir na condição de povo inculto e colonizado a que nos querem subordinar. Rui reagiu em 1907, e pelo tempo afora, contra a tirania dos fortes. O sol continua a brilhar. Fogo-fátuo não lhe ofusca a cintilação.

JOSAPHAT MARINHO, EX-SENADOR, É PROFESSOR EMÉRITO DA UNB E DA UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA E DIRETOR DA FACULDADE DE DIREITO DA UPIS

07 NOV 2000

CORREIO BRAZILIENSE

É TEMPO DE VALORIZARMOS OS HOMENS QUE HONRARAM O BRASIL. O BRILHO E O ESFORÇO DELES CONSTITUEM PARTE DA NOSSA RIQUEZA HISTÓRICA E CULTURAL